

DEPRESSÃO E SUA RELAÇÃO COM O TRABALHO

Dayana Cristina Cavalcanti Pereira¹

Marta Raquel do N. Santiago Dantas²

Prof.^a Ms. Alda Karoline Lima da Silva³

RESUMO

Este artigo apresenta uma revisão bibliográfica sobre a depressão e sua relação com o trabalho, sendo seu objetivo principal a contribuição para o entendimento da incidência da depressão relacionada ao trabalho, visto que a depressão é uma patologia reconhecida no CID 10 e tem apresentado um crescente índice nas organizações. Pretende-se relacionar os impactos que a mesma produz na saúde do trabalhador e analisar como o contexto laboral vem influenciando essa doença. O levantamento se limitou a artigos de revistas de bases científicas conceituadas, tais como: Scielo, Pepsic e BVS-PSI. Os resultados encontrados apontam que os números de afastamento do trabalho estão cada vez maiores por doenças envolvendo o psíquico, superando o número de afastamentos por doenças físicas.

Palavras-Chaves: Depressão. Trabalho. Saúde.

ABSTRACT

This article presents a review bibliographic on the depression and this relation with the work, being his main aim the contribution for the understanding of the incidence of the depression to the work, seen that the depression is a pathology recognised in the CID 10 and the has presented an increasing index the organisations. It pretends relate the impacts that the same produces in the health of the worker and analyse like the labour context comes influencing this illness. The lifting limited to articles of

¹ Acadêmico do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNI/RN. Email: dayana.pereirarh@gmail.com

² Acadêmico do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNI/RN. Email: raquelsantiagom@hotmail.com

³ Professora Ms. orientadora do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNI/RN.
Email:aldakarolina@yahoo.com.br

magazines of scientific bases considered, such as: Scielo, Pepsic and BVS-PSI. The results showed that the numbers of work leave are increasing due to diseases involving the psychic, surpassing the number of departures due to physical illnesses.

Words-Keys: Depression. Work.

INTRODUÇÃO

Esse estudo busca contribuir através de levantamento bibliográfico para a compreensão sobre a temática da depressão relacionada ao trabalho e, conseqüentemente, os danos que a mesma vem causando a saúde do trabalhador. Ao longo dos anos os níveis de afastamento do trabalho por motivos de saúde só aumentam, de acordo com a Previdência Social, a depressão vem sendo constatada como causa de muitos afastamentos do trabalho, em 2016 a quantidade de trabalhadores que receberam o auxílio-doença acidentário, benefício onde o INSS configura que a doença foi ocasionada pelo trabalho aumentou de 4,67% em relação a 2015, acometendo 2.670 pessoas (Brasil, 2012).

Há algum tempo atrás, doenças com LER e problemas ergonômicos ocupavam os primeiros lugares dos índices das pesquisas relacionadas a essa problemática, porém, com o passar do tempo, problemas físicos relacionados ao trabalho foram perdendo lugar de destaque, hoje, a depressão afeta de forma considerável os trabalhadores e vem crescendo de forma gradativa (Brasil, 2012).

A depressão relacionada ao mundo do trabalho é um mal silencioso e por vezes passa despercebida. No Brasil a quantidade de acidentes de trabalho constatados entre 2008 e 2010 apresentou uma queda de 7,2% de 2008 a 2010, redução de 755.980 casos para 701.496, de acordo com Anuário estatístico de Trabalho. No entanto, essa redução não aconteceu com os transtornos mentais e de comportamento. De acordo com dados do INSS, o afastamento de trabalhadores por transtornos mentais cresceu em 2008 a 2009 de 12.818 para 13.478. No ano de 2010 houve uma queda desse número para 12.150, porém a concessão do auxílio doença decorrentes de transtornos mentais aumentou para 12.337 casos em 2011. Com relação aos transtornos mentais e de comportamento, a patologia que causou

o maior número de afastamento de trabalhadores em 2011 foram os de natureza depressiva (Brasil, 2012).

Apesar dos números crescentes, ainda existe resistência para atestar que a saúde mental pode ser prejudicada pelo trabalho, já existem avanços e reconhecimentos, porém o assunto em questão ainda continua sendo complexo e polêmico, gerando muitas discussões. No decorrer da pesquisa, foi notória uma quantidade pequena de estudos recentes com relação à incidência da depressão relacionada ao trabalho, o que dificulta ainda mais estabelecer um diálogo entre o diagnóstico assertivo e tratamento adequado. Trata-se de um problema grave, sobretudo se levarmos em conta que os transtornos mentais ocupam os primeiros lugares nas estatísticas em torno dos motivos de afastamentos do trabalho pelo nosso sistema previdenciário (Machado, Soratto & Codo, 2010).

Uma pesquisa da Universidade de Brasília - UnB (2006) e Teixeira (2007) em parceria com a Previdência Social demonstra que o número de trabalhadores com problemas mentais vem aumentando nos últimos anos. Bancários, frentistas, trabalhadores do comércio, metalúrgicos, rodoviários e transportadores aéreos estão entre as categorias de maior risco. No levantamento, 48,8% dos trabalhadores que se afastam por mais de 15 dias do serviço sofrem algum tipo de doença mental (TEIXEIRA, 2007).

A pesquisadora Anadergh Barbosa Branco, coordenadora do Laboratório de Saúde do Trabalhador da Faculdade de Ciências da Saúde da UnB (2006), citado por Teixeira (2007), afirma que a depressão é o problema que mais afeta os trabalhadores. Ela afirma que a mudança tecnológica, feita de uma forma muito rápida no Brasil, causou um impacto considerável, acrescentando que, “além disso, temos um problema, principalmente nos últimos dez anos, que é o aumento da violência social, que vem interferindo de uma forma muito acentuada no trabalho”. (TEIXEIRA, 2007, p. 30).

A pesquisa também relata que a doença mental nunca vem sozinha. O alcoolismo é a consequência mais comum, que surge da depressão. E, muitas vezes, o estresse leva ao alcoolismo, havendo trabalhadores que, pela sobrecarga de responsabilidade e tensão, não conseguem dormir sem beber álcool - analisa a pesquisadora (TEIXEIRA, 2007).

Diante do exposto, acreditamos que o assunto em questão ainda precisa ser analisado, seja numa pesquisa de campo, ou através de análise bibliográfica, como é o caso desse estudo. Sobretudo, para buscarmos uma maior compreensão dos registros e meios de sistematização que vem sendo usados para a incidência da depressão relacionada ao trabalho, quais impactos essa depressão produz na saúde do trabalhador e entender como o contexto laboral influencia a depressão relacionada ao trabalho, e como a mesma vem sendo reconhecida como doença laboral ao longo dos últimos anos. Além disso, é importante destacar que mais estudos são necessários, para que sejam incentivadas ainda mais políticas públicas que apoiem e que minimize o sofrimento de quem padece desse transtorno dentro do universo do trabalho.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, de revisão bibliográfica buscada entre artigos e livros. A maior parte dos artigos analisados são estudos teóricos, onde percebemos na leitura realizada dos mesmos que não informavam claramente quais eram as suas abordagens teóricas. Para elaboração deste artigo, optamos a princípio em fazer um retrato dos últimos 5 anos, porém ampliamos essa busca para anos anteriores para abarcarmos uma maior quantidade de estudos sobre essa temática Depressão Relacionada ao Trabalho, pois a pesquisa bibliográfica mostrou-se escassa em termos quantitativos.

O levantamento se limitou a artigos de revistas de bases científicas conceituadas, tais como: Scielo, Psyc e BVS-PSI. A pesquisa aconteceu entre os meses de março a novembro de 2017, no total foram utilizados 17 artigos, as palavras usadas para busca da base de dados foram: Depressão. Trabalho. Saúde. Com relação aos critérios de inclusão nos detemos o máximo possível aos artigos que tivessem conteúdos mais atualizados com relação a esta temática e que estivessem dentro do contexto delimitado para a pesquisa, que falassem em depressão no trabalho e saúde mental. Com relação aos critérios para exclusão, não utilizamos artigos que fossem desatualizados e que falassem de outros assuntos fora da delimitação pesquisada, pois a nossa pesquisa visualiza como vem sendo

tratada esta temática na atualidade, tendo com um dos objetivos, analisar questões relacionadas à depressão ocasionada pelo trabalho e suas principais causas.

A partir desta análise, procuramos abordar às seguintes questões: Significação do trabalho, contexto histórico da depressão, o que é a depressão, dificuldade do nexo de depressão com o ambiente do trabalho e como o contexto laboral influencia a depressão relacionada ao trabalho. Para esta construção levaremos em consideração informações principalmente do cenário brasileiro no que diz respeito a “Depressão e sua relação com o trabalho”.

REFERENCIAL TEÓRICO

Organizamos o referencial teórico em tópicos que visem esclarecer a depressão e sua relação com o trabalho. Abordaremos de forma breve o trabalho e o seu significado na vida das pessoas, o que é depressão entre a mesma e o trabalho, além disso, vamos abordar a influência do contexto laboral sobre a depressão bem como, quais as categorias vêm sendo mais afetadas por esse contexto e as dificuldades de estabelecer o nexo causal, desta forma, acreditamos esclarecer pontos de extrema relevância para o tema em questão.

O trabalho e sua significação

Para melhor compreensão, falaremos um pouco com relação ao trabalho, seu significado e sua importância na vida das pessoas.

Segundo Cavallheiro e Tolfo (2011) o trabalho faz parte da vida dos indivíduos desde o início da humanidade, acompanhando-o dia a dia. O homem e o seu trabalho estão ligados de modos distintos, de acordo com a cultura da sociedade e época em que estão inseridos, dessa forma que o significado social do trabalho afeta diretamente o ambiente em que se vive. Após a Revolução Industrial o trabalho passou a ter centralidade na vida do homem, no capitalismo e sua relevância apresenta-se essencial para o estado de doença ou saúde do trabalhador.

Trabalho pode ser entendido como fonte de prazer e realização; representa o que de mais humano existe no homem, a capacidade de expressar sua “marca

essencial” – a subjetividade –, fator fundamental ao equilíbrio e desenvolvimento humano (DEJOURS, 1993 apud CAVALHEIRO, TOLFO 2011).

Mas também apresentam seus contrapontos, de acordo com Antunes (2002), e Morin, Tonellie e Pliopas (2007), historicamente, o trabalho progride como elemento fundamental da vida do indivíduo, que pode provocar prazer e sofrimento, status e desalento, conforto e subsistência, o trabalho pode atuar de forma estruturante ou desestruturante na vida do indivíduo (CAVALHEIRO, TOLFO 2011).

A seguir explanaremos um pouco a respeito do histórico da depressão e seus sintomas mais marcantes.

Depressão

A depressão em termos de sintomatologia é vista desde a antiguidade, suas primeiras aparições deram-se em relatos bíblicos e na mitologia Grega, porém a depressão só foi introduzida como vocábulo no ano de 1750 pelo inglês Samuel Johnson. A depressão é um transtorno atual no século XXI, mas seu conceito se deu início desde o século XVII, onde os relatos históricos dão conta da depressão no que diz respeito aos seus sintomas desde a antiguidade. Por ser um transtorno de muita visibilidade atualmente, existe quem pense que é uma doença relacionada apenas a modernidade, porém não é algo que se relaciona apenas com a modernidade (GONÇALVES, MACHADO 2007).

Segundo Quevedo e Silva (2013), a expressão depressão é um vocábulo recente na história da humanidade, este termo apareceu para apontar a uma condição de desânimo ou falta de disposição do indivíduo, Samuel Johnson escritor inglês inseriu o vocábulo ao dicionário em 1750. O conceito que temos do termo depressão nos dias de hoje foi iniciado no século XVII, ele faz alusão a características a mudanças de humor, especialmente no que se diz respeito às particularidades relacionadas à melancolia.

Nas escrituras bíblicas e na mitologia Grega podem ser percebidas inicialmente essas características referentes a questões de mudanças de humor, com base em narrações religiosas e mitológicas era conferida a uma essência divina a causa de todos os infortúnios vividos. Conforme afirmado por Gonçalves e

Machado (2007), os gregos acreditavam que mente sã era sinal de corpo saudável, já tinham a ideia que permeia a nossa atualidade onde as questões mentais, problemas que porventura acompanhem cada indivíduo particularmente podem ser expressos fisicamente em alterações físicas.

De acordo com o Manual de Procedimentos Para Serviços de Saúde (2001), os episódios depressivos caracterizam-se por humor triste, perda do interesse e prazer nas atividades cotidianas, sendo comum uma sensação de fadiga aumentada. O paciente pode se queixar de dificuldade de concentração, podem apresentar baixa autoestima e autoconfiança, desesperança, ideias de culpa e inutilidade; visões desoladas e pessimistas do futuro, ideias ou atos suicidas. O sono encontra-se frequentemente perturbado, geralmente por insônia terminal. O paciente se queixa de diminuição do apetite, geralmente com perda de peso sensível. Sintomas de ansiedade são muito frequentes. A angústia tende a ser tipicamente mais intensa pela manhã. As alterações da psicomotricidade podem variar da lentificação à agitação. Pode haver lentificação do pensamento. Os episódios depressivos devem ser classificados nas modalidades: leve, moderada, grave sem sintomas psicóticos, grave com sintomas psicóticos (DIAS, ALMEIDA, 2001).

No tópico abaixo abordaremos como o contexto laboral influencia a depressão relacionada ao trabalho.

Como o contexto laboral influencia a depressão relacionada ao trabalho

A partir do final do século XX, ao entrar no campo dos estudos referentes à saúde do trabalhador, a manifestação do sofrimento em decorrência de processos depressivos e suas possibilidades de relação ao trabalho tornaram-se motivo de inquietação pessoal, da organização e da sociedade (CAVALHEIRO, TOLFO, 2011).

De acordo com Seligmann-silva (2003), atualmente existem algumas variedades de transtornos mentais onde estão diretamente ligados ao trabalho. Entre esses transtornos, podemos destacar a depressão relacionada ao trabalho.

A Precarização do Trabalho

Para Jardim (2011) a precarização do trabalho é sem dúvida uma das causas para a depressão no ambiente de trabalho, pois através de seus meios

desubsistência traz para o meio do trabalho agravamentos devido situações que acontecem no ambiente laboral, tais como: pressões, cobranças excessivas de metas em benefício da lucratividade, o fantasma do desemprego e a insegurança do mesmo, demanda alta de trabalho, falta de proteção com relação à violência externa, problemas osteomusculares (LER/DORT) onde devido à grande quantidade de movimentos repetitivos que realizam para cumprirem as suas demandas de trabalho acabam lesionados, muitas vezes ficando afastados temporariamente ou definitivamente, tal situação traz a incapacidade de realizarem suas atividades, dessa forma sentem-se impotentes entre outras implicações físicas e/ou psíquicas e acabam entrando em depressão.

Na concepção de Franco, Druck, Seligmann-Silva (2010) o trabalho precarizado é algo que traz muitas complicações, pois a injustiça social e a violência no trabalho se tornam comuns, em particular a violência psicológica. Dessa forma propaga-se uma era de precarização social e do trabalho socialmente desestruturado, espaço fértil para dor e adoecimento dos sujeitos, caracterizando o trabalho como patogênico. Atualmente a precarização mostra-se como condição de centralidade do trabalho moderno e das atuais relações de trabalho acarretando em repercussões negativas para a saúde mental de cada indivíduo.

O fenômeno global da precarização aparece como plano de fundo para o desenvolvimento da depressão e para sofrimento psíquico iremos citar a seguir as comorbidades mais relatadas na atualidade que têm essa relação com a depressão no ambiente de trabalho, relatando o que acontece em cada um desses episódios que podem contribuir para o desencadeamento desse transtorno psíquico.

Nas palavras de Franco, Druck, Seligmann-Silva (2010) o que se identifica em comum em todas as situações de comorbidades que iremos citar a seguir, como que podendo levar a depressão ocasionada pelo trabalho é o caráter violento, descaracterizador, desestabilizador, de privação e de exclusão presentes na precarização social do trabalho de suas ações, pois tais situações geram sofrimento e transtornos psíquicos nos trabalhadores.

Em harmonia com Dias et al. (2016) podemos ligar o estresse ocupacional a causa da depressão relacionada ao trabalho devido às condições em que esse trabalho é realizado, entre as condições podemos citar, a carga excessiva de atividades realizadas, prevalência do trabalho em regime de turnos e ocupações

onde os trabalhadores tendem a ficar isolados. Seus principais sintomas psicossociais são: tristeza, queda no rendimento, consumo de álcool e drogas, perturbações do sono, problemas de memorização e dificuldade em relacionamentos interpessoais. Dentre os sintomas físicos estão: problemas osteomusculares, fadiga, sensação de desgaste físico e hipertensão.

Os principais aspectos que estão associados ao estresse ocupacional de acordo com Martins (2011),

são fatores intrínsecos ao trabalho que abrangem circunstâncias impróprias de trabalho como: turno, carga horária, remuneração, viagens, riscos, nova tecnologia e demanda de trabalho; situações estressores relacionados ao papel no trabalho: dizem respeito a atividades ambíguas, conflitos na realização dessas tarefas e seu grau de responsabilidade; relações no trabalho: compreendem relações complexas com a chefia, colegas, clientes e subordinados; estressores da carreira: envolve falta de perspectiva de desenvolvimento, insegurança devido a reorganizações funcionais ou crises que afetam o emprego; estrutura organizacional: abrangem a ausência de atuação em decisões, de natureza complexa de gerenciamento e pobre conversação no trabalho. (apud Silva, Sales 2016).

Dessa forma o indivíduo não consegue atingir as exigências requeridas em seu trabalho, devido a isso ele passa a se sentir mal com toda a situação provocando sofrimento psíquico e podendo chegar à depressão.

A Síndrome de Burnout é classificada como uma evolução do stress, mas com peculiaridades próprias (SILVA, SALLES 2016). Burnout é desencadeada pelo contínuo desgaste do trabalhador, que faz com que ele desista do seu emprego e dos vínculos afetivos relacionadas a ele, não tendo mais interesse e ocasionando a incapacidade de voltar e ter uma nova ligação. As manifestações da Síndrome de Burnout geralmente incluem “cansaço, dor de cabeça, insônia, palpitação, pressão alta, distúrbios gastrointestinais e respiratórios e alteração do ciclo menstrual nas mulheres”, esclarece o Dr. Drauzio Varella (apud SILVA, 2003 SALLES, 2016).

Burnout tem como uma de suas principais características a condição de tensão emocional e estresse diferente do estresse ocupacional, pois o estresse relacionado a esta síndrome é crônico, decorrentes de situações de desgastes, físicas de trabalho, emocionais e psicológicas, que se caracteriza por um intenso sentimento de esgotamento e insatisfação relacionado ao trabalho realizado, que pouco a pouco pode abranger muitos âmbitos de sua vida (SILVA 2003; SALLES 2016).

As consequências da Síndrome de Burnout e do Estresse Ocupacional podem ter implicações muito graves caso cheguem a graus elevados, desencadeando a depressão e chegando até ao suicídio.

Nas palavras de Maciel (2007) citado por Schlindwein et al., (2013), fala que “o assédio moral no trabalho diz respeito a geralmente toda demonstração prolongada e contínua acontecimentos vexatórios e degradantes no ambiente laboral”. Tais sujeições se caracterizam por relações hierárquicas que desrespeitam os trabalhadores hostilizando-os e os ridicularizando na presença dos seus colegas ou mesmo distante do restante do grupo. Na visão de Le Guillante (2006) e Clot (2010),

a exposição frequente e duradoura a acontecimentos humilhantes e constrangedores no decorrer da realização de suas atividades de trabalho sustenta o ressentimento, caracterizado como algo que é vivido em silêncio, paralisando o caráter da ação, impedindo a atitude e as atuações diretas no coletivo de trabalho. (apud SCHLINDWEIN et.al., 2013).

Em virtude do ressentimento, o trabalhador passa a ficar abalado, tendendo a se isolar socialmente e daí o trabalho deixa de ter o seu papel psicológico. Baseado em Le Guillante (2006), a sujeição a tais circunstâncias possivelmente coopera para o adoecimento dos trabalhadores no ambiente de trabalho, pois cada ação vai minando o trabalhador, a ponto de ficar tão abalado emocionalmente que passa a desenvolver transtornos psíquicos, a exemplo a depressão. (apud SCHLINDWEIN, (2013).

O assédio sexual diz respeito a acontecimentos em que uma conduta indesejada de natureza sexual se revela na forma física, verbalizada ou não verbalizada, com o intuito de desrespeitar a dignidade do outro e com isso criar um ambiente atemorizante e desfavorável para o indivíduo que sofre este tipo de assédio. Representa uma atitude de significado sexual, não pretendido pela pessoa que a recebe, afrontando a sua integridade física e moral, bem como seu desempenho e desenvolvimento como profissional, infringindo os seus direitos constitucionalmente adquiridos. Para Dias (2008),

o assédio sexual compreende situações como conversas a respeito de assuntos não desejados sobre sexo, histórias com sentido sexual, pressionar o indivíduo para encontros, voyeurismo, construir um ambiente pornográfico, violação entre outros comportamentos.

Tal comportamento está presente em vários ambientes da sociedade, em especial no ambiente de trabalho. De maneira geral o assédio sexual é perturbador

para a pessoa que passa por esse sofrimento, tanto psicologicamente, como também por vezes fisicamente, o indivíduo se sente como se a sua honra tivesse desaparecido e também não sente confiança em outras pessoas, provocando o desânimo e a sensação de abandono e em decorrência de todo esse cenário pode se instalar um quadro depressivo e de atitudes autodestrutivas, as vítimas geralmente que geralmente são mulheres.

Essa situação, pode afetar a subjetividade do indivíduo de tal forma que levando o mesmo ao isolamento do coletivo de trabalho, reduzindo seu estímulo e o seu desempenho no ambiente de laboral. A associação entre o assédio sexual e a saúde mental dos trabalhadores é cada vez mais clara, o caráter das atitudes é desestabilizador e adoecedor, desta forma tal situação representa um perigo para o bem-estar de quem sofre com esse tipo de situação (KOSS et al. 1994 apud DIAS 2008).

Categorias de trabalhadores mais afetadas

Dentre os estudos pesquisados, algumas categorias de trabalhadores estão entre as mais afetadas pelos transtornos mentais. Realizando uma análise rápida dessas categorias, podemos identificar profissões que trabalham sobre cobrança e pressão para cumprimentos de metas exaustivas, que como já foi citado neste artigo, são fatores que podem afetar o psíquico no contexto laboral, observamos ainda profissões que desenvolvem suas atividades com medo devido à falta de segurança, como é o caso dos bancários ou até mesmo aquelas profissões que trabalham com dedicação exclusiva ao cuidado do próximo, como é o caso dos profissionais da saúde, professores, controladores de voo e policiais, conforme estudos citados na tabela abaixo.

Segundo Silva (2003), estudos realizados, inclusive em abordagens epidemiológicas - na Europa, nos Estados Unidos, no Canadá e, mais recentemente, na América Latina - quanto em pesquisas qualitativas, mostram que em sua maioria aqueles que prestam serviços a outras pessoas, especialmente os denominados cuidadores, isto é, aqueles que cuidam de outras pessoas, estão desenvolvendo cada vez mais o burn-out, sendo constatadas altas frequências da síndrome em

professores/as, enfermeiras/os, médicos/as e assistentes sociais em diferentes países.

Destacamos algumas profissões e seus agentes de adoecimento, assim como, os sintomas de sofrimento psíquico mais presentes nessas profissões, segundo os autores das pesquisas, são eles:

Categorias	Agentes de Adoecimento	Aspectos de sofrimento psíquico	Autores
Policiais Militares	Pressão, escalas exaustivas, alimentação precária, presenciar cenas de violência, precisar trabalhar em dois empregos, excesso de trabalho, poucas horas de sono e repouso.	Sintomas psicossomáticos, depressivos e de ansiedade, irritabilidade, insônia, estresse.	(MINAYO, ASSIS e OLIVEIRA, 2011).
Professores da rede pública	A falta de preparo dos professores para o processo de inclusão, elevado número de alunos por turmas, infraestrutura física inadequada, desinteresse da família em acompanhar a trajetória escolar de seus filhos; a indisciplina cada vez maior; a desvalorização profissional e os baixos salários.	Sentimentos de desilusão, desencantamento com a profissão, estresse, episódios depressivos.	(GASPARINI, BARRETO e ASSUNCAO, 2005).
Enfermeiros da rede pública	Turnos de trabalho, número de funcionários para a demanda exigida, sobrecarga de trabalho,	Episódios depressivos, transtornos de humor, transtornos neuróticos, transtornos relacionados com	(MANETTIL & MARZIALE, 2007),

	problemas nas escalas, insegurança no trabalho e condições de trabalho nas instituições hospitalares.	o estresse e transtornos somáticos.	
Controladores de Voo	Estado de alerta máximo, tensão, desgaste, escalas de trabalho, diferentes turnos, trabalham isolados.	Estresse, depressão e fobias, síndromes como a do pânico e transtorno obsessivo compulsivo.	(TEIXEIRA, 2007)

Tabela 1 organizada pelos autores

Embora os estudos apresentem números gritantes em várias profissões e segundo dados do Ministério da Saúde, que sinalizam a depressão corporativa caracterizada pela tristeza, cansaço e excesso de preocupação atingindo 17% dos trabalhadores no auge da vida profissional, na faixa dos 25 a 40 anos (TEIXEIRA, 2007). Ainda é difícil fazer a relação entre adoecimento mental e trabalho, um levantamento realizado pela Universidade de Brasília demonstrou que quase 99% dos benefícios concedidos pelo órgão previdenciário para trabalhadores com transtornos mentais foram considerados problemas pessoais dos trabalhadores, não relacionados com a profissão.

Para a coordenadora da pesquisa, os reais fatores estão sendo mascarados porque a imensa maioria das licenças concedidas apresenta como causa do afastamento a vida particular de cada trabalhador, ela defende ainda que entre as principais dificuldades para prevenir as doenças mentais do trabalho estão “os diagnósticos imprecisos dos médicos, tratamento deficitário e a dificuldade do próprio trabalhador em aceitar a doença”. (TEIXEIRA, 2007).

Dificuldade do nexo causal entre depressão e trabalho

Mesmo com fatores de riscos existentes no ambiente corporativo, ainda existe uma resistência em estabelecer o nexo causal entre a saúde mental do trabalhador e trabalho, nem sempre é fácil reconhecer a depressão como uma doença ocupacional. Os transtornos mentais e comportamentais associados ao trabalho não são facilmente diagnosticados no momento da avaliação clínica. Essa dificuldade

decorre de que as características sintomatológicas desses transtornos muitas vezes se confundem com quadros de alteração fisiológica manifestas por sintomas físicos como insônia, distúrbios alimentares ou distúrbios gástricos (CARVALHO, TOLFO, 2011).

Os estudos apontam que é necessário compreender o contexto laboral em que o trabalhador está inserido e a sua influência sobre o psíquico. CODO (1999) citado por JACQUES (2007) apontam que os estudos epidemiológicos, inclusive os realizados no Brasil pelo Laboratório de Psicologia do Trabalho da Universidade de Brasília, fornecem fundamentos de relevância para justificar o nexo causal. É o caso da síndrome de burnout em educadores, resultado de pesquisa realizada com 52.000 professores das redes estaduais de vários estados do Brasil.

O nexo causal também vem se concretizando através dos números da Previdência Social. Quanto aos auxílios-doença acidentários por transtornos mentais e do comportamento concedidos em 2009, metade se deve a transtornos do humor (F30-F39), sendo que destes 90% são depressões (F32-F34). Ou seja, está acontecendo, por parte do setor de perícias médicas do INSS, o reconhecimento de algumas depressões como relacionadas ao trabalho (JARDIM, 2011).

Existem vários fatores de risco que podem desencadear uma depressão relacionada ao trabalho, é preciso estar atento aos detalhes e entender que a relação dos episódios depressivos com o trabalho pode ser sutil. Segundo o Manual de Procedimentos Para Serviços de Saúde (2001), alguns fatores de risco de natureza ocupacional são:

as decepções sucessivas em situações de trabalho frustrantes, as perdas acumuladas ao longo dos anos de trabalho, as exigências excessivas de desempenho cada vez maior, no trabalho, geradas pelo excesso de competição, implicando ameaça permanente de perda do lugar que o trabalhador ocupa na hierarquia da empresa, perda efetiva, perda do posto de trabalho e demissão podem determinar depressões mais ou menos graves ou protraídas (DIAS, ALMEIDA, 2001).

Mesmo diante dessas evidências, ainda existem resistências para afirmar que a depressão foi desenvolvida tão somente pelas condições de trabalho e seus aspectos estressantes, eles afirmam que não se pode ignorar a influência dos agentes depressivos ligados ao labor, porém, não são suficientes para atestar o nexo causal, justificando que vários fatores devem ser levados em consideração.

No contexto jurídico, o Procurador do Trabalho do MPT da 2ª Região, Gustavo Filipe Barbosa Garcia, autor dos livros Meio ambiente do trabalho: direito, segurança e medicina do trabalho (2006) e Acidentes do trabalho, doenças ocupacionais e nexos técnico epidemiológico (2007) afirma que,

a depressão ainda encontra sérias dificuldades para ser reconhecida como doença do trabalho, avaliando que existe um “nítido descompasso entre o acentuado avanço médico-científico nessa área, quando comparado com o ainda insuficiente desenvolvimento jurídico legislativo no tratamento do tema. (TEIXEIRA, 2007, p. 39).

Por fim, passaremos a apresentar os resultados da discussão.

Resultados e Discussão

Nossa pesquisa teve como objetivo principal a busca de estudos que deixassem mais claro a relação da depressão com o trabalho, ao total analisamos 17 artigos e encontramos 4 dimensões, entre elas, a influência do contexto laboral sobre a depressão, a precarização, bem como, quais as categorias vêm sendo mais afetadas por esse contexto e as dificuldades de estabelecer o nexo causal.

Foi possível identificar que o número de afastamentos do trabalho por doenças envolvendo o psíquico, vem atingindo grandes partes da classe trabalhadora, os transtornos mentais de natureza depressiva, reconhecidas através do CID 10, são os mais mencionados nas estatísticas, segundo dados do INSS, com relação aos transtornos mentais e de comportamento, a patologia que causou o maior número de afastamento de trabalhadores em 2011 foram os de natureza depressiva (Brasil, 2012).

Porém, a depressão ainda é vista como uma doença secundarizada e que é extremamente complicado estabelecer que a mesma possa ser uma doença de cunho ocupacional. Para Teixeira (2007) em suma prevalece o entendimento na área de saúde mental que vários fatores contribuem para a depressão: fatores genéticos, biológicos e psicossociais, ou seja, um quadro depressivo desenvolve-se com a somatória de fatores, aparecendo o trabalho como um fator desencadeante e/ou de agravamento. O que, por conseguinte, dificulta o estabelecimento do nexo.

A maior dificuldade de reconhecer a depressão como doença laboral, se dar pela complexidade de estabelecer o nexo causal entre adoecimento mental e

trabalho. Essa dificuldade decorre de que as características sintomatológicas desses transtornos muitas vezes se confundem com quadros de alteração fisiológica manifestas por sintomas físicos como insônia, distúrbios alimentares ou distúrbios gástricos (CARVALHO, TOLFO, 2011). Na maioria das vezes, esse fato acontece por falta de uma anamnese correta, que permita uma investigação dos verdadeiros motivos da doença, gerando assim, um diagnóstico pouco assertivo, uma vez que os sintomas da depressão são facilmente confundidos com outras doenças e pode ser desencadeada por agentes internos e externos ao trabalho.

Ficou evidenciado que não existe um motivo específico para a depressão no ambiente de trabalho, sendo necessário avaliar os diferentes agentes que contribuem para o quadro, para Jardim (2011) “a precarização do trabalho é sem dúvida uma das causas para a depressão no ambiente de trabalho”, pois através de seus meios de subsistência traz para o meio do trabalho agravamentos devido a situações que acontecem no ambiente laboral, tais como: pressões, cobranças excessivas de metas em benefício da lucratividade, o fantasma do desemprego e a insegurança do mesmo, demanda alta de trabalho e falta de proteção com relação à violência externa. Fica cabível uma reflexão mais aprofundada sobre esse aspecto, levando em consideração que esses agentes se manifestam de forma sutil e são, em muitos casos, tratados de forma banal.

Sobre as categorias mais afetadas, identificamos que os artigos em sua maioria, apontam níveis altos de adoecimento por doenças envolvendo o psíquico, sendo a mais comum em todas as profissões citadas, a depressão. Os estudos realizados por Gasparini, Barreto e Assunção (2005) e Manettil e Marziale (2007), envolvendo professores da rede pública e enfermeiros da rede pública, relatam que atividades que exigem cuidados com o próximo estão mais passíveis de adoecimento, pois segundo os autores, essas atividades exigem mais dedicação e envolvimento emocional.

Mesmo diante de números tão expressivos, ainda se nota pouco envolvimento jurídico e de políticas públicas que resguarde o trabalhador adoecido. Entende-se que são necessárias leis e normas que regularizem e se cumpram, nos casos do afastamento das pessoas de seu ambiente de trabalho, e com isso precisa necessariamente haver padronização de ações, porém o que está instituído hoje não oferece subsídios suficientes que permitam compreender e avaliar adequadamente

as dificuldades do sujeito deprimido em suas singularidades (CAVALHEIRO, TOLFO, 2011). Acreditamos também existir pouco envolvimento da área da psicologia no combate aos agravos da saúde mental no ambiente de trabalho, existe uma grande demanda, porém, os olhares ainda estão muito voltados para o atendimento no consultório, poucos profissionais procuram essa vertente da psicologia para pesquisar e se aprofundar, refletindo em uma carência de especialistas que atuem no âmbito organizacional, direcionado para saúde do trabalhador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto das obras literárias nos permitiu analisar, mesmo que de forma sintética, os possíveis danos que o labor pode causar a saúde mental do trabalhador. Reconhecemos que de forma ainda muito tímida, a saúde mental vem ganhando sua devida importância, e o valor do trabalho vêm sendo reconhecido, o que consideramos um avanço, levando em consideração o histórico da origem do trabalho.

A nossa análise se restringiu a pesquisa bibliográfica, aonde identificamos que poucos estudos englobam informações recentes, limitando a apresentação de dados mais atuais sobre a temática abordada, ficando explícito a necessidade de mais pesquisas científicas que proporcionem um melhor entendimento sobre a depressão e sua relação com o trabalho.

Foi possível analisar uma gama de estudos, como os de Seligmann Silva (2010) e Le Guillant (2006), porém, nenhum deles nos apresentou dados sobre adoecimento de atividades informais, como são o caso dos autônomos e profissionais liberais, estudos esses que nos mostraria uma realidade ainda não muito conhecida e que, possivelmente aumentaria os números já citados através do INSS, acreditamos que a busca dessas informações são extremamente importante para nos apresentar um panorama real da sociedade doente. Também sentimos falta de estudos que nos tragam informações sobre como combater os agentes adoecedores no ambiente de trabalho, dados que consideramos relevantes, uma vez que para oferecer uma possibilidade de reintegração ao profissional doente é

preciso oferecer condições adequadas de trabalho, portanto, nossas sugestões de pesquisas para trabalhos futuros seriam nessa linha de análise.

REFERÊNCIAS

BRASIL. PREVIDÊNCIA SOCIAL. (Org.). **TRANSTORNOS MENTAIS: Trabalho em escala, condições insalubres e recompensa insatisfatória podem ser causas**. 2012. <http://www.previdencia.gov.br/2012/03/transtornos-mentais-trabalho-em-escala-condicoes-insalubres-e-recompensa-insatisfatoria-podem-ser-causas>
Acesso em: 08 abr. 2017.

CARMEM FEIJÓ (Org.). **Transtornos mentais, o acidente de trabalho que ninguém vê**. 2017. Disponível em: http://www.tst.jus.br/noticia-destaque/-/asset_publisher/NGo1/content/id/24289997>. Acesso em: 22 abr. 2017.

CAVALHEIRO, Gabriela; TOLFO, Suzana da Rosa. **Trabalho e depressão: um estudo com profissionais afastados do ambiente laboral**. Psico-USF (Impr.), Itatiba. v. 16, n. 2, p. 241-249, Aug. 2011. Available from ><http://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712011000200013>; Access on 01 Oct. 2017.

DIAS, E. C., & ALMEIDA, I. M. (2001). **Doenças Relacionadas ao Trabalho: Manual de Procedimentos para os Serviços de Saúde/Ministério da Saúde do Brasil**. Organização Pan-Americana da Saúde no Brasil–Brasília: Ministério da Saúde do Brasil.

DIAS, Fernanda Monteiro et al. **O estresse ocupacional e a síndrome do esgotamento profissional (burnout) em trabalhadores da indústria do petróleo: uma revisão sistemática**. Rev. bras. saúdeocup. São Paulo , v. 41, e11, 2016 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572016000100401&lng=en&nrm=iso>. Access on 01 Nov. 2017. Epub Sep 05, 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/2317-6369000106715>;

DIAS, Isabel. **Violência contra as mulheres no trabalho: O caso do assédio sexual.** Sociologia, Problemas e Práticas, Oeiras, nº 57, p. 11-23, maio 2008. Disponível em http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292008000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 07 nov. 2017.

FRANCO, Tânia; DRUCK, Graça; SELIGMANN-SILVA, Edith. **As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado.** Rev. bras. saúdeocup. São Paulo, v. 35, n. 122, p. 229-248, Dec. 2010. Available from Accesson: 12 Nov. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0303-76572010000200006>.

GASPARINI, Sandra Maria; BARRETO, Sandhi Maria; ASSUNCAO, Ada Ávila. **O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde.** Educ. Pesqui. São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, ago. 2005. Disponível em<. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022005000200003>□..acessos em 21 out. 2017

GONÇALES, Cintia Adriana Vieira; MACHADO, Ana Lúcia. **DEPRESSÃO, O MAL DO SÉCULO: DE QUE SÉCULO?** 2007. 304 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Enfermagem, Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a22.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2017.

GUIMARÃES, Liliana Andolpho Magalhães; GRUBITS, Sonia (Org.). **SAÚDE MENTAL E TRABALHO.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

JACQUES, Maria da Graça. O nexo causal em saúde / doença mental no trabalho: uma demanda para uma psicologia. Psicol. Soc. Porto Alegre, v. 19, n. spe, p. 112-119, 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-1822007000400015>. acesso em 12 de outubro de 2017.

JARDIM, Sílvia. **Depressão e trabalho: ruptura de laço social.** Rev. bras. saúde ocup. São Paulo, v. 36, n. 123, p. 84-92, junho de 2011. Disponível

em:<http://dx.doi.org/10.1590/S0303-76572011000100008>. Acesso em 12 de outubro de 2017.

TEIXEIRA, Sueli. **"A depressão no meio ambiente do trabalho e sua caracterização como doença do trabalho"**. A depressão no meio ambiente do trabalho e sua caracterização como doença do trabalho (2007).

MACHADO, J., Soratto, L. & Codo, W. (Orgs.) (2010). **Saúde e trabalho no Brasil, uma revolução silenciosa: o NTEP e a previdência social**. Petrópolis: Vozes.

MANETTI, Marcela Luísa; MARZIALE, Maria Helena Palucci. **Fatores associados à depressão relacionados ao trabalho de enfermagem**. Estud. psicol. (Natal) Natal, v. 12, n. 1, p. 79-85, abril de 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2007000100010>.>. Acesso em 20 de outubro de 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves de; OLIVEIRA, Raquel Vasconcellos Carvalhaes de. **Impacto das atividades profissionais na saúde física e mental dos policiais civis e militares do Rio de Janeiro**. (RJ, Brasil). Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 2199-2209, Apr. 2011. Available from ><http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232011000400019>. Access on 20 Oct. 2017.

OMS (Org.). **Com depressão no topo da lista de causas de problemas de saúde, OMS lança a campanha "Vamos conversar"**. 2017. Disponível em: http://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5385:com-depressao-no-topo-da-lista-de-causas-de-problemas-de-saude-oms-lanca-a-campanha-vamos-conversar&Itemid=839 Acesso em: 01 out. 2017.

QUEVEDO, João; SILVA, Antônio Geraldo da (Org.). **Depressão: teoria e clínica**. 2013. Disponível em: <http://www.grupoa.com.br/uploads/imagensExtra/legado/Q/QUEVEDO_Joao/Depressao_Teoria_Clinica/Liberado/Cap_01.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2017.

SELIGMANN-SILVA, Edith. **Psicopatologia e Saúde Mental no Trabalho**. In: MENDES, René (Org.). *Patologia do Trabalho*. São Paulo: Atheneu, 2003. p. 64-98.

SELIGMANN-SILVA, Edith et al. **O mundo contemporâneo do trabalho e a saúde mental do trabalhador**. *Rev. bras. saúdeocup.* São Paulo, v. 35, n. 122, p. 187-191, Dec. 2010. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572010000200002&lng=en&nrm=iso>. Access on 13 Nov. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0303-76572010000200002>.

SILVA, Leandra Carla da; SALLES, Taciana Lucas de Afonseca (Org.). **O estresse ocupacional e as formas alternativas de tratamento**. *Revista de Carreiras e Pessoas (recape)*, São Paulo, v. 2, n. 6, p.234-247, 24 maio 2016. Quadrimestral. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/ReCaPe/article/view/29361/20473>>. Acesso em: 10 out. 2017.

SCHLINDWEIN, Vanderléia de Lurdes Dal Castel. **Histórias de vida marcadas por humilhação, assédio moral e adoecimento no trabalho**. *Psicol. Soc. Belo Horizonte*, v. 25, n. 2, p. 430-439, 2013. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822013000200020&lng=en&nrm=iso>. Access on 06 Nov. 2017